

## NO TEMPO DA LÍNGUA

REFLEXÕES SOBRE OS VALORES, A UNIVERSIDADE  
E O *DISCURSUS* DO PODER

por

F. JORGE VIEIRA-PIMENTEL

«Só à puridade isto se saberia, um dia, quando na casa entrasse um hausto de novos valores, a cultura, a filosofia e, bem entendido, uma certa desorientação de consciência que, se é às vezes favorável às artes, é sempre fatal aos costumes.»

Agustina Bessa Luís, *A Sibila*.

«A colectividade, apesar de ser o conjunto de todos os seus indivíduos, funciona exactamente como um indivíduo a mais. Assim como se no mundo houvesse toda a gente que existe e mais uma pessoa: essa pessoa seria exactamente todos num só.»

Almada Negreiros, *Textos de Intervenção*.

«Quando as sombras da noite começam a cair é que levanta voo o pássaro de Minerva.»

Hegel, Prefácio a *Filosofia do Direito*.

## I

## A Escrita e o Homem

Goste-se ou não, nunca é gratuitamente que sobre o Homem os fogos se cruzam. O deslocamento da noção de *escrita* para o próprio centro das actividades crítica e criativa pulverizou com aparato toda uma ordenação antiga que propendia a separá-las. Jamais as coisas voltaram a ser como eram, desde que a *nova crítica* mostrou ter fôlego para ser mais do que a *nova impostura* que pretendia Picard<sup>1</sup>. Já começa todavia a ser tempo de cada um se interrogar, livremente, no próprio momento em que a escrita se pratica, isto é, *agora*, se as alterações no campo dos factos se passaram (se passam ou, até mesmo, se poderiam ter passado) com a diafaneidade com que as quis o arquitecto do «jogo infinito dos espelhos»<sup>2</sup>.

No princípio há o exercício duma responsabilidade — escreve-se para voltar as vistas à inquietante corrosão que se instala no imo da fala. Mas, sendo um desafio à sofreguidão do tempo e uma afirmação orgulhosa da vontade de ser, ela não consegue evitar o pesado tributo duma fractura com o mundo. Na verdade, sempre que, indeciso, um sujeito afrouxa o andamento próprio da escrita, emperrando-lhe o fôlego e a direcção, está a obedecer a um impulso *natural*. Forças desgastantes difusamente espalhadas pelo corpo (no seu sentido literal, isto é, na carne) assediam a inteligência no acto da escrita, confundindo-a frente a uma hesitação cuja génese ela não entende imediatamente. Ao *fixar* a linguagem, a escrita passa a propor-se, talvez *malgré elle*, como «medianeiro temível»<sup>3</sup>, uma vez que, memória e organização, ela se transforma

<sup>1</sup> Raymond Picard, *Nouvelle critique ou nouvelle imposture*, Paris, J. J. Pauvert, 1965.

<sup>2</sup> Roland Barthes, *Critique et vérité*, Paris, Éditions du Seuil, 1966, p. 14.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 76.

num indisfarçável convite às metódicas investidas dos diferentes horizontes. O convite não deixa, contudo, de trazer um fruto podre na medida em que, por sobre a terra havida do contrato estável, se acena também com a terra prometida das pluralidades redentoras. Equivale isto a dizer que, a não ser devidamente controlada e ponderada a euforia que acompanha o enterro *definitivo* dos sentidos singulares, se corre o risco de diluir os mais fundos laços comunitários que a fala (certamente que com o concurso ancilar da escrita) teceu no decurso do tempo. E é nas respostas mais fascinadamente *sobre o quente* que o sujeito da actividade teórico-crítica, esquecido o preço a pagar pelas aberturas apaziguadoras, faz um trágico uso da liberdade, ao encaminhar-se, a si e à colectividade, para uma solidão mortífera. O feitiço da escrita está sempre pronto a voltar-se, pela mão habilidosamente ingénua do feiticeiro, contra o princípio e a fonte — o próprio Homem. Outras não têm sido, por exemplo, as consequências da perda do estatuto da linguagem como instrumento ao serviço de outra coisa que não ela.

O perigo, porém, talvez não seja tão grande quanto aparenta pois, hoje, já com algum distanciamento para avaliar o diálogo da linguagem «consigo mesma», parece ter de se reconhecer que a utilidade palpável desse diálogo se radicou, sobretudo, numa inegável capacidade para *agarrar* o funcionamento dos textos. Por outras palavras, foi numa faceta propriamente técnica, voltada para a detecção de modelos explicativos da *textualidade*, que ele mais se mostrou capaz de responder com pragmática eficácia à desorientação que, por detrás das máscaras, se introduzira sem remissão.

De resto, muito dificilmente poderia ter sido de outra maneira. Porque o Homem (espaço último onde os acontecimentos têm de se repercutir) só por implicações conjunturais admite que *ameaçadoras* entidades maiúsculadas (Estrutura, Texto, Escrita, Inconsciente ...) se lhe substituam em termos conclusos. Quando ele se *relativiza* e, modelando a sua inteligência com suspeita humildade, opta por se afastar do fulcro

da História, está apenas a dar satisfação ao seu *penchant* histriónico. Cansado de estar onde por instinto sabe dever estar (e se, por capricho dos deuses, não está lá, não lhe resta outra solução senão pensar-se como estando), ei-lo que *finje* retirar-se da ribalta e colocar-se ao serviço dum suicídio ciclicamente prometido e, não menos ciclicamente, recusado — é o tempo da «maré estruturalista». Que isso seja, de relance, dificilmente discernível não significa que as coisas não se movam com segurança e que se não recue para os arredores de posições tidas como *insustentáveis*, atrás das quais se perfila, à evidência, o *espectro* dum humanismo, isto é, duma imagem de força e centralidade que o Homem não deixa de fazer de si próprio.

### **Espírito crítico e Universidade**

Independentemente da conflitualidade, pelos entendidos a seu tempo problematizada, que se solta da simples enunciação destas questões, interessa-nos aqui discorrer sobre o modo como esses efeitos se dispõem dentro de nós e, já agora, progredindo em leque, dentro dum quotidiano universitário voltado para o «ensino» da Língua e da Literatura.

A universidade, espaço explosivo onde se projecta e organiza a gestação do desejo cognitivo, desloca-se nos seus pontos mais sensíveis, com e sobre a escrita. Entre elas se gera um movimento de cúmplice transfusão energética, na medida em que ambas propendem à armazenagem dos esforços feitos na, tida como ascensional, caminhada do Homem. Só que o apelo de fuga às, mais ou menos difusas, origens, esconde a faceta pérfida dum cântico que, em momentos de crise e perplexidade, não deixa de tentar os ouvidos desatentos aos limites e regras do jogo. E o curioso é que, quanto mais se deixa a sereia insinuar-se com a promessa de repousantes *longes* ou, por outras palavras, quanto mais o espírito crítico universitário se abandona à ideia duma estruturação *in fieri* (projec-

tando sobre o *mesmo* da escrita a sombra de espaços *inteiramente outros*, por exemplo), tanto mais os resultados dão conta de que, no vazio, *natura non facit saltus* e de que, a fazê-los, pouco compensadores serão os ganhos da aposta. Tal possibilidade, desiludamo-nos, não é risco que, *sem ser a fingir*, se goste de correr: poder-se-á *de facto* sentir e pensar assim, desenquadrado, ao sabor de um actualíssimo prazer do texto, sintagma movediço e fluido que reinstala, com todo o à-vontade, a duvidosa sedução da Utopia? Não nos estaremos a enredar nos compromissos aleatórios que, a breve prazo, a inteligência, escorada nalguma subtiliza universitária, acaba por armar à Vida?

Parece-nos bem que sim. Incapazes de assumir a corrosão que, com a pretendida morte de Deus, deixamos instalar *dentro* do nosso território, metemos ombros à tarefa de desviarmos a atenção de nós mesmos, alimentando os tais sucedâneos maiusculados de que o Texto, entre os estudiosos da literatura, continua a ser o que maior fortuna conhece. Nesta sagração de novíssimos mitos, poucas terão sido as pessoas que não sujaram as mãos pelo que, desfazendo possíveis equívocos, começo (para melhor pensar-sentindo nada mais oportuno do que saltar da *neutralidade* baça da terceira pessoa para a *naturalidade* vital da primeira) por me denunciar como um *culpado* em crise de reincidência. Crise, contudo, que a *ratio* dum colectivo tecnocratizado e desumanizado revitaliza, na sua incapacidade orgânica para criar em si uma *diferença* finalística, orientada a partir de dentro. Ignora-se complexadamente a emoção primeira, convizinha das raízes e nostálgica das origens, mesmo quando nos rebelamos contra a deturpação da inteligência dela. Aliás, se é muito difícil negar, dum assentada, a ideia de que a «emoção é mentira na inteligência pois se não dá nela»<sup>4</sup>, temos de convir que é ainda mais difícil negar que essa emoção é mentira *acrescida*

<sup>4</sup> F. Pessoa, *Páginas de doutrina estética*, Lisboa, Editorial Inquérito, p. 132.

quando está sob a absorvente pressão não apenas, como se pretende fazer crer, do pendor formalista e sistematizante mas sobretudo do capricho daqueles para que as opiniões correntes (*doxa*) são sempre insuportáveis e só úteis como fomentadoras de *paradoxa*. Não é assim de admirar que, às promessas de mundos e fundos adiantadas através do optimismo satisfeito do *para mim*, se suceda a confessada magreza dos resultados obtidos — «mais uma vez o Texto corre o risco de se congelar; repete-se, vende-se em textos cinzentos, testemunhas duma solicitação de leitura e não dum desejo de agradar: o Texto tende para degenerar numa tagarelice. Para onde ir? Estou neste ponto»<sup>5</sup>.

### Universidade e Comunidade

Este ponto é, como se depreende, um espaço inquietante (para onde ir?) que poderá ser ocupado por uma *ilusão individual* de cariz libertário mas nunca por uma entidade trans-individual, etimologicamente nascida sob o signo do universal para dar resposta, como um corpo especializado, às perplexidades do todo comunitário. Um todo onde convergem — e aqui não é demais pôr em evidência a imperiosa gestação de elementos só dificilmente racionalizáveis — exigências dum território que se defende, dum povo que se distingue, duma língua que unifica (a minha pátria é a língua portuguesa, diz Pessoa). Não há prazer possível — o prazer que se pensa, bem entendido — que nos não reenvie para um prévio quadro, ordenador dum comportamento mental coerente, fora do qual os ensinantes e o ensino se resumem à necrófila tarefa de coveiros desse «vasto cemitério»<sup>6</sup> que, desde o século passado, o Homem parece apostado em erguer. É um universitário que *nunca*

<sup>5</sup> Roland Barthes *par Roland Barthes*, Paris, Seuil, 1975, p. 75.

<sup>6</sup> Vergílio Ferreira, *Espaço do Invisível II*, Lisboa, Arcádia, 1976, p. 121.

*existiu* aquele que pensa estar a furtar-se às directrizes que o determinam, lançando, a partir do objecto do conhecimento, operações de desgaste de importantes filamentos comunicativos. Mais tarde ou mais cedo, os efeitos da energia dispendida, isolados mais à frente, tenderão a percorrer o itinerário inverso, congestionando então um normal andamento das coisas. É por isso que as comunidades, ao contrário do que as aparências podem sugerir, estão dotadas dum vigor de forte agressividade assertiva que passa, neste caso, pela defesa e ilustração da Língua como elemento por excelência de identidade dos seus pioneiros e continuadores<sup>7</sup>. Um corpo colectivo não pode dispensar-se de modelar as suas instituições com a força *diferenciadora* que, de facto, o permitiu, donde o concluir-se que o «mais saber» adentro dos muros universitários subordina-se (mesmo quando parece ausente ou ir contra) a um imperativo ético decorrente não só dele próprio mas de camadas mais fundas.

É assim compreensível que em resposta ao cultivo predominante dos estudos de teor sincrónico, se comecem a erguer vozes nostálgicas de raízes que o Tempo alicerça e só a História pode comprovar. Mas, por outro lado, é também evidente que uma tal nostalgia — muitas vezes desencadeadora de reacções segundo uma nefasta *vocação pendular* — se tornará numa simples inconsequência, se quiser passar ao lado da luz que, nos últimos decénios, foi lançada sobre o Texto e por ele acrescidamente reflectida. Trata-se agora de encontrar a nível operatório uma solução que permita, na consideração da realidade literária, a presença, numa posição de relevo, dos dois princípios que Eduardo Prado Coelho — inserindo-os

---

<sup>7</sup> O próprio Roland Barthes o reconhece quando afirma claramente que «nada é mais essencial a uma sociedade do que a classificação das suas linguagens. Alterar essa classificação, deslocar a fala, equivale a fazer uma revolução.» (*Critique et vérité*, p. 45).

embora numa óptica crítica muito pessoal — refere em «O mais saber e a diferença»<sup>8</sup>: os de *força* e de *valor*.

### O real e o seu duplo

Ocasões há em que estes, manifestação iniludível das raízes, parecem diminuir a sua pujança e como que secam. São ocasiões de cega credulidade em idades de ouro que a pasmosa capacidade de renascer das cinzas da escrita *artística* favorece generosamente. Quer isto dizer que, para o alargamento duma *novíssima moral* a outros domínios, contribui sobremaneira o desejo de tomar como *modelo* o sucesso que, dentro duma imparável agressividade cósmica, a Arte alardeia ao pôr de quarentena os deuses que escolheu para desgraçar. Sobre os altares estão agora novos rostos e as ilações mais rápidas a extrair não são, como a sensatez aconselharia, as de que talvez haja no fim de tudo o sarcasmo dos becos sem saída, mas sim as de que há, com certeza, inesgotáveis maneiras de alimentar e manter indefinidamente sortilagos contra-poderes o que, tomado à letra, é uma pura mistificação. Tudo isto se torna claro quando se atenta na linha evolutiva de processos que vão culminar no abalo do estereótipo e na entrada em cena da nova escrita. Esta, ao apresentar-se como nítida *diferença*, vê o ímpeto interrogador, que até aí a animara, agir em sentido contrário, isto é, submetida a escrita à acção do Tempo (que, repercutido no Homem faz e exige a História) ela esforça-se por durar mesmo para além da «próxima catástrofe geológica que desencadearão um novo pintor ou um novo escritor original»<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Eduardo Prado Coelho, «O mais saber e a diferença», *A Letra Litoral*, Lisboa, Morais, 1978, p. 79.

<sup>9</sup> Marcel Proust, «Le côté de Guermantes», *À la recherche du temps perdu*, I, Paris Gallimard, 1954, p. 327.

O afã de originalidade que ainda em meados do século se circunscrevia à esfera do artístico<sup>10</sup>, estendeu-se, no meio de profundas perturbações epistemológicas que caracterizam o nosso tempo, aos mais diferentes domínios da significação — uma caótica sucessão de procuras, de experiências desejosas de pulverizar amarras, põem na ordem do dia a virulência e tensão das modernas linguagens de que a escrita de Céline terá sido áugure privilegiado. Uma espécie de terror invade a Língua, tornada *carrefour* de ventos ciclônicos de muitas e desvairadas origens que a Escola, longe de controlar, reflecte e faz proliferar. Para os estrategas da subversão, subtil ou explícita, tudo parece correr pelo melhor no melhor dos mundos. Instalada a legitimidade da «deslocação incessante»<sup>11</sup>, aniquila-se, com um golpe de mestre, a ideia de critérios aferidores que passam a desenvolver-se ao ritmo da própria *prática criativa*. E recomenda-se, por exemplo, para «não nos embaraçarmos demasiado com as contradições lógicas, com as acusações de incoerência, com todas as formas de *terror penal*: devemos assumir o erro e a errância»<sup>12</sup>. Quer na «ficção» quer no discurso crítico, uma obsessão parece assim ressaltar, percuciente, nas manifestações da modernidade — o acentuar das mobilidades em processo de contínua reinvenção.

Mas, se assim é, o que terá levado um Roland Barthes a esta espécie de angustiada palinódia: «A Doxa fala, eu ouço-a, mas não estou no seu espaço. Homem do paradoxo, como qualquer escritor, estou *atrás da porta*; bem quererá

<sup>10</sup> Vejam-se as considerações do narrador de *A procura do tempo perdido* quando se interrogava se «haveria alguma verdade nessa distinção que fazemos sempre entre a arte, que não avançou mais desde os tempos de Homero, e a ciência, que progride continuamente.» E acrescentava: «pelo contrário, talvez a arte se assemelhasse neste ponto à ciência; cada novo escritor original me parecia em progresso sobre o precedente [...]» (*Ibid.*, p. 328).

<sup>11</sup> Eduardo Prado Coelho, «Aplicar Barthes», *A Letra Litoral*, p. 247.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 52.

franqueá-la, bem quererá ver o que lá se diz, participar eu também nessa *cena comunitária* (sublinhado nosso); estou permanentemente à *escuta daquilo de que sou excluído*; acho-me em estado de sideração, varado, cerceado da popularidade da linguagem»<sup>13</sup>. A resposta não pode deixar de nos conduzir à verificação de que, paralelamente a um espaço de exaltação, se gera, subreptícia mas profundamente, no espírito do século, um outro, directamente proporcional à intensidade do primeiro, de aridez e vazio. E é tendo em conta que aquilo que se não nota está em conflito latente com aquilo que se exhibe (neste caso, aliás, com suspeita ingenuidade) é fácil apercebemo-nos de que as proporções do iceberg são já bem maiores do que as nossas ilusões quereriam.

## II

### O conflito e as opções

Para a Universidade aproxima-se um tempo de escolha e decisão em relação a vectores que, impondo-se como elementos fulcrais de coesão e circulação interna, sustentam a sua dupla vocação de investigadora e de transmissora de conhecimentos. Quer na sua faceta mais pragmática e de efeitos imediatos, ligada ao ensino/aprendizagem, quer numa outra mais teórico-crítica, ligada ao *habitus* inventivo, a instituição universitária não pode dispensar a acrescida força dum *valor* perene em face do qual toda a neutralidade se torna perniciososa — a Língua. É evidente que se sabe a ilusão dessa estabilidade mas não é menos evidente que é aqui que tem cabimento aquilo a que poderíamos chamar *a ilusão sob controle* (que será, talvez, a expressão realizável da Utopia ...). Na verdade, no seio mesmo do *discurso* universitário — que não é apenas o sistematizador duma imemorial acumulação de conhecimento mas

<sup>13</sup> Roland Barthes *par Roland Barthes*, pp. 126-127.

também o receptáculo dum lastro existencial colectivo que só o Tempo faculta — o movimento corruptor não pára. Mas se se opuser a essa orientação dissolvente a ideia dum ser permanente, com certeza que se reduz drasticamente a margem de actuação dum sempre imprevisível e perigoso *no return point* e, ao mesmo tempo, permite-se que as convenções escolhidas pelo corpo comunitário ganhem a *estabilidade* sem a qual ele não existe e, sobretudo, não existimos nós.

Parece assim não haver lugar para dúvidas — é uma luta que se trava no interior da Língua, pelo que, chegados à idade de escolher a quem se deve amar e a quem se deve detestar<sup>14</sup>, todas as energias devem ser polarizadas (fala-se, é claro, do nosso ponto de vista) no sentido de aniquilar a tentação fácil pela *Língua outra*, tentação que corre nas veias da *intelligentzia* e que, sejamos claros, acaba por dar os seus frutos. Só que os frutos têm um tempo e um ritmo próprio e qualquer ensaio de *desenvolvimento* acelerado, somado a outras variáveis sempre prontas às acumulações explosivas, liberta energias de inimaginável poder destrutivo.

*Langue d'abord*, pois, o que implica a necessidade de, sem complexos injustificáveis, detectar e isolar os perigos reais e potenciais que a rondam, o mais incompreensível dos quais será a pusilanimidade na defesa duma concepção de Língua como uma estrutura coesa, com provas dadas na sua capacidade de resistência às variações que, na maior parte das vezes, modas passageiras tentam impor. O impulso que leva ao desejo de a *ferir de morte* no âmago — diferente daquele que seque no encalço do esteriótipo verdadeiramente invital — é um impulso anárquico de clara afirmação pessoal, facto que, espraiando-se em actos concretos exige, como tal, uma resposta em conformidade. Resposta que não pode ser só a reacção de sinal contrário que se traduziria, na sua versão mais castiça, no reaparecimento dum vernáculo atento e reverente de matriz camiliana ou, numa outra mais modernizada

<sup>14</sup> A ideia é colhida em Proust, «Du côté de chez Swann», *op. cit.*, p. 249.

versão, na abertura desinibida e cosmopolizante da já estafada matriz eciana. Resposta, sim, que, pelo contrário, conheça e assumam (e aqui há lugar para uma certa *dor universitária*) o ingrato papel de travão de coisas que, destinadas a deixar traços indelévels, não podem, contudo, chegar *cedo demais*. Daí que os estudos literários tenham de se *distanciar* do sulco inventivo atenuando, pela sistematização compreensiva o desgaste que os altos índices de entropia necessariamente instalam. Dir-se-ia que, se o artista precede a ciência<sup>15</sup>, a Universidade encarnando a segurança e estabilidade científicas, progride sobre uma ordem que, não sendo exactamente a mesma após a passagem dos *cavaleiros do apocalipse*, é suficientemente forte para enfrentar a ideia de que «nada é mais terrível do que o infinito»<sup>16</sup>.

### Que fazer?

Ora bem — assumida esta *preocupação pela Língua*, que fazer?

Como se depreende não é fácil conduzir um processo sem uma decidida especialização no campo do *outro*, o que supõe uma linha divisória judicativa capaz de, sobretudo, demarcar uma *ortodoxia*. Para esta converge, naturalmente, a solidão de quem sabe que os agregados humanos se movimentam muito para além dos meros jogos da inteligência e de quem não ignora que um sistema de valores só colhe se tiver firmeza na sua decisão de se opôr à marcha dum outro em processo de afirmação. No momento histórico que vivemos, caracterizado especialmente por uma funda crise de identidade nacional, torna-se discutível favorecer o entendimento da língua portuguesa como «um sistema a desconstruir numa multiplici-

<sup>15</sup> «[...] Artista é aquele que precede a própria ciência» (Almada Negreiros, *Obras Completas*, Lisboa, Estampa, 1972, t. 6, p. 91).

<sup>16</sup> F. Nietzsche, *A Gaia Ciência*, Lisboa, Guimarães Editores, 1977, p. 143.

dade de códigos potenciais»<sup>17</sup>. E é tanto mais pertinente a nossa posição quanto na Escola, a própria *linguagem dos factos* parece apontar na direcção duma *Língua outra*, entrelaçada de infidelidades a uma realidade (aquela, sempre, claro, de contorno flexível, que nos permite falar de Língua Portuguesa) penosamente construída.

Está, com efeito, instalado, a partir dum enfeixamento de forças nem sempre fáceis de precisar, um incompreensível receio de prestigiar a ideia de Norma, isto é, de alimentar a noção de que há um *mesmo* que, subentendendo-nos, nos possibilita como seres gregários. Um *mesmo* não facilmente sistematizável, com a sua natural zona de alogicidade que encontra (sem esquecer que há uma iniludível diferença entre o que se viveu e o que se rememora) a sua manifestação mais nobre na rica diversidade dos, entretanto, tidos como clássicos. Através destes, labora uma memória longínqua de lutas, pressentem-se as exigências do modelo e, mais do que isso, recebe-se a recomendação de que «onde não há sabedoria, há sempre desgraça»<sup>18</sup>. E para não haver desgraça, temos por certo que a melhor maneira de defender uma realidade que se sabe não funcionar metafisicamente (logo fora do tempo e acima dum húmus) está em não apenas conseguir descrevê-la na sua diversidade, mas, por paradoxal que pareça, em ser capaz de propor, de efectuar uma escolha que, sendo por isso *mais*, actue como elemento aglutinador.

Daqui decorre a necessidade de, com táctica ironia, operar-se o distanciamento entre o texto poético de vanguarda e o texto linguístico propriamente dito ou, se se quiser, entre a *literatura* e a comunicação orientada para fins teórico-críticos ou mais imediatamente práticos. A contaminação exces-

<sup>17</sup> J. Augusto Seabra, «Do pluralismo linguístico nos países de língua portuguesa», *Actas do 1.º encontro nacional para a investigação e ensino do português*, Centro de Linguística das Universidades de Lisboa ..., 1976, p. 100.

<sup>18</sup> Agustina Bessa Luís, *A Sibila*, 5.ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, p. 106.

siva desta pela outra, além de ser, nas entranhas, o reflexo de uma certa impotência mal digerida de criadores em eterno estado de adiamento, convida à tolerância que tudo sanciona. Na verdade, ninguém desconhecerá por experiência própria como o alibi dos sentidos translatos guarda em si generosidades nocivas a médio prazo. De resto, qual é, no fundo, o ponto de partida para a *secreta viagem* da arte? Obviamente que enfrentar a realidade, criando uma *outra* que não pode, por sua própria natureza, pactuar com a primeira — é uma relação de inapelável antagonismo. Se à criação lhe fosse possível *desrealizar* o real, dissolvendo-o, ela não hesitaria em premir o botão ainda que o preço a pagar fosse a volta ao caos. Não tem outro sentido o desejo de se projectar para a posteridade — a chamada imortalidade — que não seja a superação impiedosa da realidade circundante a qual, indiferente ao apodo de mesquinha, está demasiado ocupada consigo mesma para ver uma «realidade» que só vai sê-lo *depois*. É por isso que sempre considerámos mais ou menos hipócritas as lamentações urdidas à volta de alguns génios subalternizados em vida, os Camões, os Pessoa, a braços, como é evidente, com o incómodo peso de *estar à frente* da prosaica, mas mais sensivelmente actuante, realidade quotidiana. A Universidade, que sabe isso, sabe também que, recolhendo toda uma experiência civilizacional de comunidades precedentes e actuais (a sua, entre elas, à qual lhe cabe engrandecer), ela só se projecta utilmente, como instituição, pela agudeza perceptiva que tiver das ua própria actualidade. E falar no *nunc* é referir a própria vida e as insuficiências que há milénios a atravessam, mas se não dispensam, e é ainda ocupar-se da «estabilidade» dum *hic* — a língua — onde a «invenção», hoje, mais propende a alojar-se.

Sendo assim, e porque é de antagonismos que se trata, segue-se a nomeação dum outro importante passo o qual se insere, aliás, na lógica de quem procura exercer uma hegemonia — estabelecimento de um *corpus* de conhecimentos e de processos operatórios relativamente estáveis, teórica e cien-

tificamente prestigiados, que não tolham o salutar exercício da dúvida (faceta crítica) mas que a façam passar, primeiro, pela experiência do *valor*, isto é, da Língua e, em última análise, do próprio Homem (faceta pragmática). Há uma ética *reguladora* do ritmo da pesquisa visto que esta não pode, como se estivesse insulada, entregar-se ao puro enamoramento de si para cair adiante no, para nós cruel, jogo dos espelhos. Depois de passar a ferro com excessiva ligeireza a verosimilhança, o gosto, a clareza, etc.<sup>19</sup> e de se colocar ao dispor duma *transgressão* sem quaisquer fronteiras tácticas, a Nova Crítica deita achas para a fogueira duma crise que se poderá caracterizar, na paradoxal linguagem de Pessoa por «um excesso de civilização dos incivilizáveis»<sup>20</sup>.

Decerto que, pelo simples facto de existir, não pode ter sido nem é inútil todo um complexo de actividades críticas que invadiram nos últimos vinte anos os domínios linguísticos e literários. Esvaziado de algumas ilusórias opções, esse labor carrega métodos e processos de inegável valor operativo pelo que não é o anátema ou a caça às bruxas que se pede mas o pôr entre parêntesis duma *suspeita* que (dada a concordância generalizada que desde Sarraute, ela obteve) ameaça dividir-nos indefinidamente. Porque, em boa verdade, se um texto não é um produto mas uma produção, se ele cria todo um complexo e inesgotável processo de significação, erguendo-se como desafiadora prática significante, nada impede que, ao lado dele, num *à rebours* irónico, venha bem instalado o cansaço da vagabundagem e da incerteza, o apelo duma ordem e unidade, duma *não-diferença* que *significativamente* acalme a poderosa realidade que está por detrás. E esta, como já se disse, só pode ser — porque não há outro remédio senão querermos que seja — o Homem, indissolivelmente ligado ao

<sup>19</sup> V. a I parte de *Critique et vérité*.

<sup>20</sup> V. entrevista concedida a Victor Falcão in *Revista Portuguesa*, n.º 23, Outubro de 1923.

mundo, num espaço e num tempo próprios que o modelam na sua concretude. De outro modo apenas nos resta a franqueza, claro que demolidora, do nosso desencanto ...

### Do professor-em-moda

É por sobre tal vulcão que se movimenta uma embaraçada personagem, oscilando, na maior parte das vezes, entre a nostalgia da emoção em estado puro e aquilo mesmo que a vem negar, isto é, na linguagem de Pessoa, a inteligibilidade dela. Dá pelo nome de professor de literatura e atravessa a História ao compasso duma inteligência que se quer vigilante, a qual, empurrando-o, imperturbável, para o mecanismo triturador do conhecimento sem fim, lhe lembra, a toda a hora, o quanto de simples *intermediário* se cola, com importuna frequência, ao seu papel. Na realidade, as marcas das várias épocas e da sua, confluem nele com tal intensidade que o seu espaço se caracteriza pela incomodidade de quem se situa a meio caminho entre o logro (fomentador do *mais saber* dos outros) e a compensação (orientador ágil de *leituras*, a que se veio juntar com especial força nos últimos anos, o aceno, ainda difuso, dum *mais fruir*). Intérprete, deste modo, do múltiplo que nele — o teórico por dever de ofício — se repercute (da ficção à crítica da ficção) tem dificuldade em perdoar a quem, em boa verdade, escondido na espessura dos textos, fala através dele. Daí a *saudade* funda duma «estória» verdadeiramente original, dum trajecto ideal, duma heroicidade que o rasteiro quotidiano nega.

É então que, em tempo de lassidão e de dúvida, de esgotamento imediato de Valores, ele faz, por ardilosa interferência da crítica, a côrte à criação, tornando-se, em textos *segundos*, o campo da violenta conflagração dos rostos, das máscaras e das linguagens. Cumprido o convívio que quis perturbante e transgressor, o mestre, satisfeito consigo mesmo (sobretudo agora que escolheu libertar-se da tenaz normativa),

manda o texto recolher à névoa cúmplice da grafia. Alimenta-o, entretanto, a emoção de ter franqueado os defesos muros universitários ao cavalo de Tróia numa outra *lógica*, denominação talvez demasiado baça para a controversa mistura dessas três vias cuja individuação urge e que são, claramente, a *ficção* (a criação ou literatura propriamente dita), a *poética* (a teoria ou a ciência da literatura) e a *crítica* (a análise/interpretação ou o comentário).

### **Conclusão: o dis-cursus do poder**

Efectivamente, se o conhecimento é uma realidade em fuga para a frente (e até aqui todos estamos de acordo), ele só o é sobre uma tradição esclarecida, que, cumulativamente, o recebe. E, jogo por jogo, fixemos-lhe — sobretudo, claro, no acto da sua transmissão — um ponto por onde passe a *durabilidade*, preferindo, em conclusão, ao incessante devir, a norma flexível, à «ficção» permissiva, a teorização eticizada que não hesita até em legitimar, como privilegiado instrumento de defesa, a *captura* das novíssimas linguagens. Ora, nada disso é possível sem que o espírito crítico universitário se mova *descomplexadamente* dentro dos parâmetros enunciados, o que conduz directamente à livre escolha interior de que uma língua não tem viabilidade senão animada por uma eficaz *vontade de poder*. E esta surge tanto mais naturalmente quanto a contrapartida é a dificuldade crescente do pulsar crítico e comunicativo extrair, das incompatibilidades em presença, um ritmo idiomático próprio que lhe dê a ilusão de segurança e capacidade de manobra. Aliás, a conflitualidade intencionalmente exibida pela *outra* vontade, solicita da parte de quem pensa a Língua em termos de *força* comunitária, opções claras quanto ao modo de estabilizar a segurança dentro daquilo mesmo que ela pensa ser-lhe fulcral. E, como tudo o que envolve opções e põe problemas de ruptura, nem sempre é fácil ter

de frontalmente assumir que uma força não se pode querer exprimir doutro modo senão como poder.

Tal ideia, de resto latente ao longo das nossas reflexões, leva-nos conseqüentemente ao princípio de que a Língua, quando nela se reflecte o impulso de conhecer, é espaço *político*, é zona privilegiada de confronto cultural. Na verdade, se admitirmos, como Eduardo Lourenço, que a Linguagem é o Homem esforçando-se por se falar<sup>21</sup> precisamos, contudo, que a Língua é a Comunidade esforçando-se por se ser. Nos tempos conturbados que se vivem, a constatação não deixa de nos arrastar para o centro nervoso do poder político, entendido, contudo, para além daquele que, num sentido restrito, repousa numa força material capaz de impor as suas decisões aos mais diversos sectores da sociedade (de sobejo se sabe como esta interpretação nem sempre é pacífica e como, amiúde, é dada a modas e volubilidades nocivas). O seu *cursus* dimana, antes, dum outro poder que o subentende, anterior às próprias instituições e sobre o qual se firma a longínqua inscrição da *identidade* dum grupo e da *diferença* em relação a outros que o ladeiam. Trata-se do *poder profundo*, conexionado com um radical imperativo categórico que à superfície as instituições, como *expressões inteligentes* da ordem colectiva — uma ordem que não se estabeleça «por vozes de comando exteriores mas sim pelo pleno assentimento entre os seus próprios obedientes»<sup>22</sup> — não podem, de modo algum, desconhecer. A médio prazo isso equivaleria ao convite para que o saber viciasse e alterasse aquilo mesmo que, no campo da vida quotidiana, nos exalta e justifica.

É, porém, esta caminhada para uma dimensão fluidamente impessoal que a *intelligentzia* crítica do Ocidente — não refeita

---

<sup>21</sup> Prefácio à obra de W. Wimsatt Jr. e Cleanth Brooks, *Crítica Literária. Breve história*, Lisboa, Gulbenkian, 1971, p. XIV.

<sup>22</sup> Almada Negreiros, *op. cit.*, p. 176.

do sortilégio dos *it* incorruptíveis<sup>23</sup> — decidiu impor a si mesma. No anverso dela, indiferente a distrações que lhe não dizem respeito, acoplou-se um medo qualquer, ele também de difícil nomeação. Dir-se-ia que há o pânico/fascínio por um icognoscível de matriz apocalíptica, ou, talvez melhor, pelo culto da crise, pela fruição da decadência e, quem sabe, pela melopeia suicidária de uma civilização. Em nome de quê?

Não seria dispiciendo, antes de dar a resposta, pensarmos-nos, ingênua e ironicamente, como saturados de inteligência e de hiper-criticismo. Talvez então entendêssemos, por um lado, que caminhamos no Tempo, tentando compensar aquilo que não fomos capazes de ser na nossa própria Vida e, por outro, que «foi por ser infeliz que Deus criou o Mundo»<sup>24</sup>.

Ponta Delgada. Abril-Junho de 1980.

---

<sup>23</sup> «Mas há também o mistério do impessoal que é o *it*: eu tenho o impessoal dentro de mim e não é corrupto e apodrecível pelo pessoal que às vezes me encharca [...]. Clarice Lispector, *Água Viva*, 3.<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, Editora Artenova S. A., 1973, p. 35.

<sup>24</sup> H. de Montherlant, «Les Lépreuses», *Romans et oeuvres non théâtrales*, Paris, Gallimard, 1959, p. 1447.